

# Gros anuncia acordo para reabertura de créditos oficiais franceses ao País

SILVIA FARIA

BRASÍLIA — O acordo acertado pelo Governo brasileiro com a França, para reabertura dos créditos oficiais franceses ao Brasil é o primeiro obtido após as negociações no âmbito do Clube de Paris. Essa negociação garantiu teoricamente o fluxo de empréstimos oficiais, que não foram, no entanto, mantidos.

— Nosso esforço agora será fazer as negociações com o Clube de Paris funcionarem — declarou ontem o Presidente do Banco Central, Francisco Gros. Ele informou que além da França, que deu “importante apoio político ao Brasil”, há perspectivas de acordos próximos com a Dinamarca e o Canadá. Com este último, falta acertar a taxa de juros dos financiamentos.

O acordo com o Governo francês, alinhavado durante viagem do Ministro da Fazenda, Dilson Funaro e Gros, a Paris, no início de março, é considerado pelo presidente do BC como “fato extremamente positivo”, num momento em que o governo brasileiro sofre pressões de todos os tipos para voltar a pagar os juros da dívida e submeter-se a um programa econômico par gerar saldos comerciais crescentes. A França, com sede do Clube de Paris (organismo que congrega os credores oficiais), tem importância estratégica neste contexto, pois abriga o fórum das negociações.

Gros prevê um recrudescimento da “guerra de nervos” declarada pelos credores ao Brasil, em reação à suspensão do pagamento dos juros externos, nas próximas semanas. Ele admite que a decisão do Governo não é realmente digna de aplausos, mas tem por objetivo provocar reflexão sobre o problema da dívida.

— Estamos nos propondo a sentar na mesa, negociar seriamente. Ninguém está propondo o calote — resumiu ele, para ilustrar a disposição do Governo brasileiro de negociar e não radicalizar. “Queremos também um acordo o mais rápido possível”, complementou.

Os credores, oficiais e privados, querem mostrar, na opinião do Presidente do BC, que a decisão da sus-



Gros: próximos acordos com Canadá e Dinamarca

penção dos pagamentos tem consequências e fazem um verdadeiro tiroteio de pressões verbais.

Isto, no entanto, está mudando, na medida em que observam que há firmeza e determinação na posição brasileira, segundo Gros. Sinais disto são as declarações do Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker III, recentemente, em Miami, dizendo aos bancos que devem aceitar “idéias criativas para solucionar o problema da dívida”. William Rhodes, coordenador do comitê Assessor dos Bancos Gredores do Brasil, em telefonemas diários ao Presidente do BC, tem sido cauteloso, dando a entender que já há aceitação, da parte dos bancos, de que a responsabilidade pela dívida é tanto dos devedores quanto dos credores. “Se houver esse reconhecimento, então partiremos para buscar soluções, com esforços e sacrifícios dos dois lados”.

Gros informou que o Brasil quer **spreads** (taxa de risco) menores, prazos maiores e desembolsar menor volume de divisas com seus compromissos externos. O País, em contrapartida, seguirá sua política econômica “extremamente responsável”, sem passar por nova recessão.

A primeira prova de fogo do Brasil, na área externa, será o dia de hoje, quando vence o “acordo-mãe”, conforme expressão usada por Gros, norteando os termos da prorrogação dos prazos de vencimentos dos créditos de curto prazo. Ainda sem a tranquilidade de uma nova prorrogação pedida aos bancos, Gros confia na dilatação dos prazos de vencimento. Esses créditos, segundo ele, são de interesse do Brasil dos credores, pois são prioritariamente utilizados como financiamento de exportações e importações brasileiras.